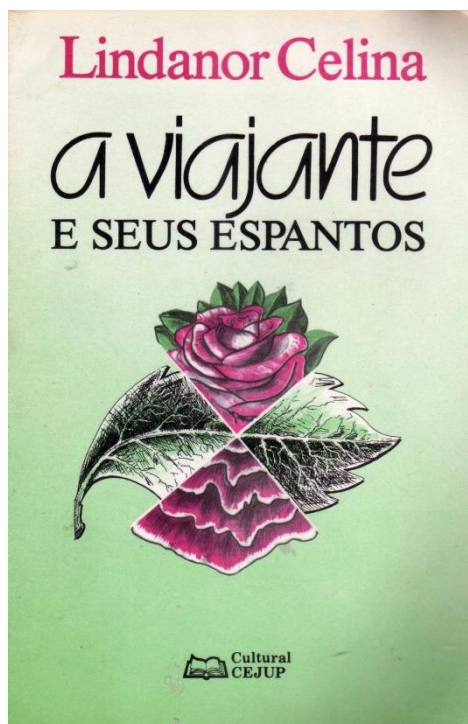


REVISTA  
SENTIDOS  
DA CULTURA



### A VIAJANTE E SEUS ESPANTOS<sup>1</sup>

João Carlos Pereira<sup>2</sup>

A viajante já virou céus e terras e viu de um tudo nesse mundo. Muito se espantou, também. Mas não tomou água com açúcar para passar o susto. Viveu-o. E melhor: transformou essas andanças em crônicas que, até ontem, estavam guardadas nos arquivos de

<sup>1</sup> **A viajante e seus espantos.** Belém: Cejup 1988

<sup>2</sup> Jornalista e professor universitário. Pesquisador e estudioso da obra de autores paraenses, especialmente Lindanor Celina.

jornal e fadadas a um futuro incompatível com sua qualidade. Mas a Cultural Cejup salvou-as do mau-destino, da poeira do tempo, do amanhã sem aurora.

Foi Rubem Braga quem disse que “há homens que são escritores e fazem livros que são como verdadeiras casas, e ficam”. Assim são *Menina que vem de Itaiara*, *Breve Sempre*, *Estradas do Tempo-Foi* e *Afonso Contínuo*, *Santo de Altar*, romances de Lindanor. Mas há também, prossegue o velho Braga, “o cronista de jornal que é como cigano que toda a noite arma sua tenda e pela manhã desmancha, e vai”. Faz mais de trinta anos que Lindanor cumpre religiosamente esse ritual. Arma sua tenda e vai.

Hoje, a morada da cronista não é mais a tenda. É o livro. Este volume de crônicas selecionadas, cheias de saudade, lirismo, encantos, espantos e beleza. Sobretudo de beleza. De Lindanor, enfim, que, como disse Lúcio Flávio Pinto criou para seus romances e crônicas, um estilo que é ela própria- o mesmo jeito, tal qual o proseado da menina que um dia deixou Itaiara para se espantar com a vida e recriá-la através da palavra.

E foi assim, pela palavra, que Lindanor Celina salvou sua produção de crônicas publicadas em jornal. Um jornal tem uma vida tão curtinha. Um dia e já acabou, ninguém quer mais. Triste fim do que não é notícia e que lhe cai sobre a folha em branco. As palavras, como as folha, amarelecem e caem. Viram o humus da terra. Surpreendentemente, com a crônicas de Lindanor isso não sucedeu. Todas apesar do tempo, verdejam. Brilham. É o milagre da linguagem sempreviva, recolhida no falar mais autêntico da gente daqui e que ganha, dimensão de sua universalidade, vigor que a fez maior que o tempo. Por isso este livro sempre novo, sempre atual, sempre bonito. Porque mais que uma obra gostosa de se ler- parece até que se está ouvindo história debaixo da mangueira, domingo à tarde, em Bragança - *A Viajante e seus Espantos* é o registro, o primeiro de uma série, da crônica de Lindanor Celina. Essa referência diz tudo.

## AS CRÔNICAS DE LINDANOR

João de Jesus Paes Loureiro

Toda crônica é sempre o fragmento de um discurso do afeto consagrando o instante. Este o seu lirismo. O seu encantamento. Seu modo de relação com as circunstâncias. Mesmo que revele um tom filosofante. Mesmo que enverede pelas tramas do enredo de um quase conto. Mesmo que pareça a despregada página do capítulo de um romance, que voou e caiu no cotidiano. A crônica é a herança coloquial da literatura, a memória de que todas as narrativas brotaram da oralidade atenta e perspicaz que, um dia, preencheu o imaginário da humanidade. Ela permanece como fala escrita, intimidade não comprometida pelo caráter coletivo de sua mensagem, conversa a dois entre multidões.

Lindamor Celina é cronista. E eu gosto de suas crônicas. Nelas, Lindamor é a personagem de si mesma: singela, pitoresca, lírica, reflexiva, emocionada, brangantina, universal. Sentada à soleira de cada crônica, ela vai desfiando as emoções, numa linguagem pessoal e doce, cheia do paraensismo das palavras, pontuada de expressões peculiares, embalando o imaginário na cadeira de balanço do ritmo de sua narrativa, como na intimidade de um final de tarde intemporal, quando a gente chega a sentir no rosto, o leve roçar da brisa da quimera.

A reunião das crônicas de Lindamor Celina, em um livro, pela CEJUP, tem a importância de perpetuar, de forma organizada, uma parcela importantíssima da produção literária da autora de “A menina que vem de Iataiara”. Uma produção, espalhada ao longo de vários anos de jornalismo, como folhas de uma árvore frondosa, e que poderiam ser levadas pelos ventos do tempo, para longe de uma revisão ou perpetuação pela leitura. No entanto, aqui foram reunidas, selecionadas dentre tantas, certamente sob o critério do rigor, da dedicação, que são marcas de Lindamor, na evolução de sua vida literária. E hão de ficar inscritas na história de nossa literatura, fora da temporalidade obsessiva das páginas dos jornais, onde ficaram, emolduradas por tanto tempo.